

XIII teses do marxismo- feminismo



I O marxismo-feminismo são duas faces da mesma moeda, como enfatiza Helen Colley, mas esta moeda, por si só, requer transformação. O marxismo feminista preserva firmemente o legado de Marx e, portanto, o significado da análise do trabalho na forma de trabalho assalariado e como força motriz do movimento de trabalhadoras, como insiste Gayatri Spivak.

Contudo, com a intenção de trazer as restantes atividades femininas para o centro da análise, o marxismo-feminismo desloca a questão das atividades domésticas e não domésticas das tentativas paralisantes de serem pensadas como um todo ou, alternativamente, como completamente separadas (o debate sobre a economia dupla, o debate do trabalho doméstico) para o desafio fundamental de ocupar e transformar o conceito de relações de produção por questões feministas.

II Portanto, assumem-se duas produções (como haviam já feito Marx e Engels), a da vida e a dos meios de vida. Ambos se relacionam entre si, de modo que é possível examinar analiticamente as práticas individuais e como interação. Tal abre caminho a um enorme campo de investigação, no qual podem ser investigados modos específicos de dominação e podem ser elaboradas possibilidades de transformação de diferentes formas históricas e culturalmente específicas.

III Está claro que as relações de género são relações de produção e não um acréscimo a estas. Todas as práticas, normas, valores, autoridades, instituições, língua, cultura, etc., estão codificados nas relações de género. Esta assunção torna a investigação feminista marxista tão prolífica quanto necessária. A contemporaneidade e as ligações dentro das relações globais e a heterogeneidade simultânea de tipos historicamente específicos de opressão das mulheres exigem que ativistas internacionais reúnam os seus conhecimentos e as suas experiências.

IV O marxismo não é útil para a sociedade capitalista e as suas disciplinas académicas que legitimam a dominação. Dado que o marxismo-feminismo assume (como Marx, Luxemburgo, Gramsci, Brecht, etc.) que somos as pessoas que fazemos a nossa própria história – ou se impedidas de o fazer, deveremos almejar o auto-empoderamento –, não se adequa para uma estrutura de ordens de cima para baixo.

Tal permite a investigação em áreas como o trabalho da memória, bem como o tratamento histórico-crítico de si própria no coletivo e, portanto, a autocrítica como força de produção.

V O facto de todos os membros da sociedade terem de participar em relações de dominação para poderem agir requer o estudo concreto dos nós de dominação que paralisam ou acorrentam o desejo de mudança do patriarcado capitalista. As feministas têm a vantagem de terem menos privilégios associados à participação no poder, pelo que têm menos a perder, bem como mais experiência em ver o mundo a partir de baixo.

VI Todos os membros da sociedade capitalista sofrem por estarem inseridos em relações de dominação e submissão; e neste ponto, ninguém está perto de viver numa sociedade livre. No nosso presente, existem formas de dominação e violência historicamente sedimentadas, que não podem ser reduzidas a um caminho contínuo de desenvolvimento ou a uma contradição central. As formas selvagens de violência (contra as mulheres), de brutalização, de prontidão para a guerra, etc. (em que se centrou Zillah Eisenstein) devem ser entendidas como os horrores historicamente díspares que decorrem de relações antigas. Para as feministas marxistas, estas relações violentas têm de ser uma parte teórica e prática fundamental da sua luta pela libertação e da luta para alcançar o estatuto de sujeitos face ao subdesenvolvimento masculino-humano.

Mas a violência não é apenas expressão de relações tradicionais e obsoletas, mas também de relações produzidas no presente. É por isso necessária uma compreensão específica da crítica e da análise que evitem os essencialismos. As formas mais brutais de violência têm regressado como horrores das relações que consideramos superadas e que são produtos de relações atuais ao mesmo tempo.

VII O marxismo-feminismo posiciona-se sobre o primado do movimento da classe trabalhadora como sujeito histórico e agente de transformação. Trazer o feminismo para dentro do marxismo, e conseqüentemente mudar tanto o segundo como o primeiro, torna indispensável uma visão crítica do marxismo tradicional, que se refere apenas ao movimento operário tradicional. O marxismo é a crítica de Marx à economia política e ao movimento operário, o que torna a sua força incomparável. Mas também torna visíveis as suas limitações. O destino da classe trabalhadora também mostra a sua incapacidade de reconhecer e desenvolver outras questões que transcendam o horizonte histórico da luta de classes. Este marxismo tradicional não é recetivo às novas questões feministas, nem às da ecologia, do racismo, da homofobia, da nacionalidade, etc. Portanto, temos continuar trabalhando nisso (como salientado por Rosa Luxemburgo). A riqueza dos vários movimentos, bem como a riqueza ainda não utilizada da herança cultural de Marx, exigem um trabalho contínuo no presente. Este é um desafio para todas as feministas marxistas, que foi consensual em praticamente todos os contributos.

VIII A controvérsia sobre raça, classe e sexo/género (interseccionalidade) precisa ser levada mais longe. A ligação entre classe e sexo/género em todas as sociedades dominadas pelo capitalismo tem ser investigada detalhadamente; o que surge como "questão racial" tem de ser respondida concretamente para cada sociedade e cultura separadamente e, também, ser relacionada com os outros dois tipos de opressão (como enfatizam Ann Ferguson e Gayatri Spivak). O pensamento não linear é necessário.

IX Nas convulsões desde a crise do fordismo, que se manifestam na série de crises da economia rapidamente globalizada e que levam as pessoas a condições cada vez mais precárias, as mulheres estão entre as que perdem, assim como outras práticas e grupos marginalizados.

X O desmantelamento do estado social ocidental numa economia globalizada deixa o cuidado da vida para as mulheres no trabalho doméstico não remunerado ou no trabalho mal remunerado, algo que pode ser experienciado ao longo da cadeia global do cuidado. Podemos conceber isto como uma "crise do cuidado" e como a consequência necessária de uma sociedade capitalista e patriarcal que, na mudança do seu centro económico para o sector dos serviços, é contaminada pela sua ganância apoderando-se de formas cada vez mais bárbaras de gerir a crise através da criação desigual de níveis de valor (como sugere Tove Soiland).

XI É comum que todas nós transportemos a vida para o centro das nossas lutas (entre outras, Montserrat Galcerán, Lise List) e, portanto, nos concentremos nas lutas por um tempo coletivamente auto-determinado. Podemos, também, seguir a sugestão de analisar as crises em torno da vida como consequência das lógicas de tempo desiguais dentro de áreas hierarquicamente organizadas (Frigga Haug). Como política, Haug sugere a perspectiva quatro em um, ou seja, deixar que a formulação de políticas seja orientada pela disponibilidade de tempo, não adaptando áreas entre si mas libertando-as da hierarquia através da generalização. Só quando todas estiverem ativas em todas as áreas será possível uma sociedade libertada.

XII As nossas lutas são dirigidas contra a dominação e são radicalmente democráticas; isto também requer políticas oriundas debaixo. A nossa resistência situa-se cultural e temporalmente de diferentes maneiras. Mas estão unidas a Marx para "derrubar todas as relações nas quais somos um ser degradado, escravizado, abandonado e desprezado". Organizar congressos feministas-marxistas e refletir sobre os nossos modos de co-operação e de conflito no seu interior, significa traduzir a nossa resistência no desenvolvimento de um movimento feminista-marxista contínuo.

XIII As feministas marxistas já não se detêm a posição que o movimento operário lhes atribuiu, em virtude da divisão do trabalho, como mulheres que encarnam a paz e são responsáveis pela sua manutenção, enquanto os homens fazem a guerra. Recusamo-nos a sermos reduzidas a esta política e queremos assumir a responsabilidade pelo todo. Na atual situação global, caracterizada por crises e guerras, consideramos o poder feminista indispensável. Assumimos a responsabilidade e temos possibilidades poderosas.